

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. . \$090

N.º 24 — VOL. III.

Sabbado 18 de Junho de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Os vulcões — Homero, conclusão — Canova — Lendas nacionaes, conclusão — A cidade e praça de Verona — Noticias biographicas dos principaes personagens da actual guerra d'Italia — Memorias do coração, continuação — Um adeus á minha terra — Miscellanea.  
GRAVURAS: — A cidade de Verona — Verona vista do lado do rio — Estatuas de Canova — Grupos de Hercules e Lycas — Uma bailarina e Hebe — Os vulcões.

## Historia da actualidade.

Os jornaes das ilhas dão a triste noticia de estarem os nossos irmãos da Terceira, Fayal e Pico lutando com uma terrivel crise alimenticia. O governo já nomeou uma commissão para obter os meios de acudir a esta desgraça, e determinou que se abrissem obras publicas na dita ilha, afim de haver emprego de braços. Nos escriptorios dos jornaes politicos d'esta cidade, e no theatro de D. Maria II estão abertas subscrições em generos e dinheiro para valer áquellas infelizes victimas.

— A assemblea portuense, que existe desde 31 de Maio de 1834, teve de receita até ao dia 31 do mez passado réis 159:325\$128, e despendeu no mesmo periodo 159:406\$841 rs. Tem actualmente quatrocentos e nove socios, e tem dado durante o tempo da sua existencia setenta e oito bailes.

— A actriz da cidade do Porto, Eugenia Infanta da Camara, publicou um volume, intitulado *Esboços poeticos*, que dedicou aos portuenses.

— Nas Caldas da Rainha grassam febres intermitentes com tamanha intensidade, que tem causado já bastantes victimas.

— Deu-se ordem para se formar em Chalons um novo corpo de exercito. e para que saia brevemente de Toulon a esquadra destinada ao Adriatico.

— Na Austria tem subido excessivamente o preço dos generos alimenticios, e ha crise monetaria.

— Falla-se em que a Prussia se arma, para apoiar com a Inglaterra os esforços que vão fazer pela paz.

— Na batalha de Magenta foram feridos o tenente feld-marchal Reischach, e os generaes Lebzelter, e Durfeld, austriacos.

— O imperador d'Austria tomou definitivamente o commando do exercito de Italia.

— O valor dos navios austriacos apresados no Adriatico, não é menor de quatro milhões de francos.

— Garibaldi não foi feliz no primeiro ataque de Lavano, no lago Maior.

— Na provincia da Bahia, a um quarto de legua da villa de Santa Isabel do Paraguassu, descobriu-se no principio do mez passado uma nova mina de diamantes de excellente qualidade, e a sua exploração já tem atrahido para o dito logar grande quantidade de gente.

— A guerra de Italia já inspirou os maestros e poetas. Stanziери, moço pianista italiano, dedicou

a Rossini uma colleção de motivos ou pensamentos musicaes, com o titulo de *Brisas d'Italia*; e diz-se que Rossini está escrevendo em Paris um hymno de victoria, que será a marselheza italiana.

— Do theatro da guerra, depois da batalha de Magenta, só ha a noticia o abandono por parte dos austriacos do territorio áquem do Adda. Os alliados já principiaram a occupação da margem opposta.

— Diariamente chegam noticias de pronunciamientos de populações do territorio lombardo-veneziano, adherindo á união da Italia sob o sceptro do rei de Sardenha.

— Noticiámos já a chegada do principe de Galles. Visitou os principaes estabelecimentos de Lisboa, e passando a Cintra e Mafra, foi até ás linhas de Torres Vedras, gloriosas pelas recordações do exercito anglo-luso na memoravel epoca da guerra da Peninsula. Acompanharam o principe estrangeiro n'esta digressão sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, sua augusta esposa, e o principe D. João. Regressou a real comitiva a Lisboa n'esta semana.

— Consta que sua alteza o principe herdeiro de Inglaterra, convidou sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V para um jantar a bordo n'um dos dias da proxima semana; e que no dia immediato sairá foz em fora para o Reino Unido.

## Os vulcões.

Antigamente, e bem remoto que já vae esse tempo, appellidou-se *vulcanica* uma das ilhas Eolias, junto á Sicilia. Cheia de rochedos é ella, e vomitam estes chammas e fumo. Foi por isso que os poetas assentaram ali a habitação usual de *Vulcano*, e d'este facto proveiu applicar-



Os vulcões — Erupção do Vesuvio.



se a todos os montes que lançam fogo a denominação de vulcões.

De ordinario annunciam-se as erupções vulcánicas por via de ruidos subterraneos, e de fumo que sae da cratera. Pouco a pouco, e gradualmente vão estes ruidos dobrando de intensidade, a terra treme, o fumo cada vez se torna mais espesso, eleva-se em columna, e a parte superior forma uma larga cupula, ou se dispersa nos ares transformando-se em nuvens que cobrem de trevas todo o paiz ao redor.

Depressa, porém, estas columnas de fumo, ou nuvens, são atravessadas por areias abrasadas, e materias incandescentes que saem com explosão do vulcão, elevando-se rapidamente aos ares, e a grande altura, caíndo depois em forma de chuva de cinza, ou de pedras.

E' no meio d'estas convulsões que descem da montanha torrentes de fogo liquidificado; atravessam os flancos, derrubam todos os obstaculos, e param somente quando o resfriamento das materias lhes faz perder a fluidéz.

Resulta das investigações feitas até hoje, que o foco dos vulcões está situado a grande profundidade, abaixo mesmo de todas as massas mineraes conhecidas; o que é indicado pela immediata posição de muitas crateras sobre rochas muito antigas, e pelos fragmentos d'essas mesmas rochas que as erupções lançam muitas vezes.

Além d'isto os productos das erupções compõem-se de substancias que entram na composição das camadas inferiores da terra.

E' geralmente admittido que a causa das erupções vulcánicas está no grande phenomeno geral do resfriamento do globo, cuja crusta solida pesa sobre a materia em fusão que está por baixo d'ella, e que a força assim a escapar-se pelas aberturas vulcánicas. A chegada da agua do mar ás cavidades onde está a lava, a accumulção de subterraneos em certos pontos, etc, concorrem para estes phenomenos.

Muito importante é observar, para explicação dos phenomenos e theoría do nosso globo, que as materias expellidas pelas bocas vulcánicas, são sensivelmente da mesma natureza e composição.

O fumo é, em grande parte, composto de vapores aquosos, carregados de gaz sulphuroso, hydrogenio, acido carbonico, e d'uma certa quantidade d'azote. Destroe a vegetação dos paizes por onde passa.

As cinzas, pulverulentas, pardas, e mui finas, são a materia das lavas no estado extremo de divisão: fazem polme misturando-se com agua, e tomam certa especie de consistencia, a que se chama *turfa vulcánica*. Quando são levadas no ar pelas correntes de gaz, formam espessas nuvens que obscurecem a atmosphera. Em 1791, na epoca da erupção do Vesúvio, na hora mais intensa do dia, não se podia caminhar sem archote, a quatro leguas de distancia da montanha.

Em 172 foram cair as cinzas d'este vulcão em Constantinopola — a duzentas e cincoenta leguas de distancia!

No interior da cratera a lava encontra-se no estado de fusão. Em 1783, viu-se na cratera do Vesúvio uma materia derretida, fervendo continuamente com violencia, levantando-se d'ella fortes jactos que se elevavam até dez ou doze metros de altura.

Os vulcões podem classificar-se em duas classes — *vulcões centraes, e cadéas vulcánicas*.

Os primeiros formam o centro de um grande numero de erupções que tem logar ao redor d'elles em todos os sentidos, e d'um modo quasi regular.

Os vulcões que formam cadéas vulcánicas acham-se frequentemente a pouca distancia uns dos outros; porém na mesma direcção. Contam-se ás vezes em numero de vinte, trinta, e ainda mais.

Na Europa existe um pequeno numero de vulcões ardentes; e são os principaes:

O *Etna*, que se eleva nas costas da Sicilia até á altura de quatro mil e trezentos metros. Reputavam-na os antigos a montanha mais alta do globo; e é citada por Pindaro, que viveu no anno 449 antes de Jesus Christo, como sendo vulcão inflamado. As suas erupções perdem-se em a noite dos tempos mais recuados. Uma das mais importantes foi a do anno 1669 que assolou Catania, e fez elevar o monte Rosso, cuja base abrange mais de quarenta leguas em circumferencia.

O *Vesúvio*, que no todo oferece á vista uma mas-

sa conica isolada e erguida no meio de uma vasta planicie, a mil e duzentos metros acima do mar de Napoles. Tem-se extinto e reacendido por muitas vezes. Este vulcão incendiou-se a 24 de Agosto do anno 79 depois de Jesus Christo, e sepultou as cidades de Herculanium, Pompea, e Stabia. Ficou inflamado por um milhar de annos; depois pareceu extinto, a ponto de nascerem vegetaes e formarem-se lagos no interior da cratera. A outra erupção que depois d'essa epoca se tornou mais digna de memoria foi a de Outubro de 1822. Durou dezeseis dias. As detonações no interior do vulcão foram tão fortes, que só pelo effeito da vibraçáo do ar, caíram a terra os tectos das salas do palácio Portici. A atmosphera das aldás visinhas foi coberta de cinzas, e pelo meio do dia o paiz limitrophe esteve por muitas horas obscurecido por trevas, a tal ponto que para andar nas ruas eram precisos lampões. Arrojou pedras do tamanho de um metro cubico, e a mil e duzentos metros de altura acima da cratera, altura que equalava a da montanha.

Tambem as ilhas Eolias, ou de Liparo, são afamadas pelas massas de materias gazosas, ou vapores que vomitam para a atmosphera. *Stromboli*, que é o vulcão central d'este grupo, é um cone de forma mui regular, ao qual os navegantes dão nome de pharol do Mediterraneo: continuamente lança fogo, mas com a particularidade de haver mais de dois mil annos que não tem feito erupções propriamente ditas.

O *Hecla*, que não tinha apresentado erupção alguma desde 1772, deu finalmente signal de si em 1815.

No continente africano não ha vulcão na verdadeira accepção da palavra; mas nas ilhas proximas, suas dependentes, existem muitos, sendo os principaes o *Pico* em a nossa ilha dos Açores; o *Pico de Teyde*, ou de *Teneriffe*; e o do *Fogo*, na ilha do mesmo nome, e no archipelago dos Açores. Finalmente o da ilha Bourbon.

Na America ha coisa de cincoenta vulcões, sendo os mais celebres — o de *Jorullo* de *Guatemala* que tem quatro mil e seiscentos metros de altura; o *Pichincha*, que tem mais de cinco mil metros; o de *Capoxi*, que se eleva a cinco mil setecentos e cincoenta metros; e o de *Antisana* que sobe a seis mil metros.

A Asia e a Oceania tem grande numero de vulcões em actividade. Contam duzentos e cinco vulcões ardentes; sendo cento e sete situados nas ilhas, e noventa e oito nos continentes proximos á costa.

Ha muitos vulcões extinctos, cuja existencia se prova pelos vestigios das suas devastações. Na Franca existem muitos, como em varios outros pontos da Europa.

Para não fazermos mais extenso este artigo concluiremos dizendo que muitas montanhas inflamadas apresentam phenomenos analogos aos vulcões, sem contudo terem relações algumas com estes. Estas montanhas, compostas de hulha, e outras materias combustiveis a que o fogo se communicou, consomem-se lentamente sem apresentarem, contudo, lavas e crateras. No departamento d'Aveyron ha uma d'ellas.

Finalmente, tem-se visto erupções vulcánicas no meio do mar, e d'ellas surgirem ilhas, que pouco depois desaparecem. Quando descobrimos a ilha da Madeira, os nossos compatriotas que estavam em Porto Santo contavam que ao sudoeste da ilha se viam trevas impenetraveis, subindo do mar até ao ceo, e acompanhadas de um fragor que tinha origem em causa desconhecida. Como não se aventuravam a afastar-se da terra por falta de astrolabio e outros instrumentos que a sciencia inventou depois, e pensavam que perda de vista a costa não lhes seria possivel regressar sem um milagre da Providencia, aquella pretendida cerração passava por ser um abismo sem fundo, ou o sitio onde estavam assentadas as bocas do inferno. Estes phenomenos não eram mais do que os vulcões submarinos que em varias epocas tem transformado aquelles mares.

#### Homero.

ENSAIOS CRITICOS SOBRE A POESIA EPICA POR VOLTAIRE.

#### Conclusão.

Quanto a mim quando li Homero e notei estas fal-

tas grosseiras que justificam os criticos, figurando a parte de bellezas de maior vulto, custou-me a crer á primeira vista que todos os cantos do poema fossem obra do mesmo genio.

Com effeito, não ha noticia de autor algum antigo ou moderno, que tanto como Homero se houvesse precipitado, depois de se ter elevado a tão grande altura.

Verdade é que o grande Corneille, cujo talento não é inferior ao de Homero, produziu *Pertharito*, *Surena*, e *Agésilã*, depois de haver dado á luz *Cinna* e *Polycucto*; mas devemos concordar que *Surena* e *Pertharito* são obras, onde mais depressa se nota a má escolha do assumpto, do que o seu mau desvolvimento; e que, ainda que fraguissimas tragedias, não estão evadidas de absurdos, de contradicções, e de erros imperdoaveis.

Emfim, na litteratura ingleza é que eu encontrarei o que de ha muito procurava: o paradoxo da reputação de Homero vi-o ali bem patente. Shakespeare primeiro poeta tragico da Inglaterra é cognominado pelos seus compatriotas com o epitheto de divino.

Nunca no theatro de Londres vi affluir tão numerosa concorrência á *Andromaca* de Racine, tão primorosamente traduzida por Philips, ou ao *Catão* de Addison, como quando ali se representavam as velhas peças de Shakespeare, verdadeiros monstros de tragedia.

Algumas ha, cuja acção se prolonga por uns poucos d'annos: no primeiro acto é baptisado o heroe, que morre quasi macrobio no quinto: figuram ali feiticeiros, camponezes, bebaços, e coveiros, que abrem covas, cantarolando bachanaes, e divertindo-se com craneos humanos — emfim, tudo quanto se pode imaginar de mais absurdo e monstruoso se encontra nas tragedias de Shakespeare.

Quando comecei a dedicar-me ao estudo da lingua ingleza, era-me difficil comprehender como uma nação tão illustrada podia admirar um autor tão extravagante; mas logo que adquiri conhecimento mais profundo d'este idioma concordei comigo mesmo, que os inglezes tinham razão em dar tão subido apreço a Shakespeare; porque, conhecendo elles tão bem como eu todos os erros e enormes defeitos do seu poeta predilecto, estavam muito mais no caso de apreciar as suas bellezas, tanto mais salientes, porque são relampagos que brillam no meio de profundas trevas.

Ha cento e cincoenta annos que Shakespeare gosa a sua reputação, e os autores que tem apparecido depois d'elle mais hão cooperado para augmental-a do que para a diminuir.

A subida intelligencia e o elevado talento do autor de *Catão*, que o collocaram no cargo de secretario de estado, não conseguiram todavia pô-lo a parte de Shakespeare. Tal é o privilegio do genio inventivo; abre elle um caminho, por ninguém ainda trilhado; corre, vóa, solto e abandonado a si mesmo, sem regras e sem arte, perde-se na carreira; mas deixa ficar sempre muito áquem de si o que a arte e a perfeição exigem. Assim, pouco mais ou menos, foi Homero: creou a sua arte; mas deixou-a imperfeita: por ora é ainda um cahos; mas nem por isso deixa ahi de brilhar a scintilla do genio.

O *Cloris* de Desmarts e a *Pucelle* de Chapelain, poemas tão famosos pelo seu ridiculo, são, ainda com menosprosa das regras, conduzidos com mais regularidade do que a *Ilyada*; do mesmo modo que o *Priano* de Prandon é escripto com mais exactidão que o *Cid* de Corneille. Poucas insignificantes novellas ha onde os acontecimentos não sejam mais bem manejados, as peripicias preparadas com mais esmero e artificio que no Homero; contudo, doze bellos versos da *Ilyada* estão tão superiores ao apuro d'estas bigatellas, como o está um diamante em bruto, comparado a uma d'essas ninharias de ferro ou latão, embora trabalhadas com muita arte e primor.

O grande merito de Homero consiste todo em elle ter sido um pintor sublime: muito inferior a Virgilio no mais, leva-lhe a palma n'esta especialidade.

Na bocca de Homero um exercito em marcha é um fogo decorador que atado pelos ventos arrasta tudo quanto encontra diante de si. Se é um deus que vae de um a outro logar dá tres passos, e ao



quarto chega ao cabo da terra. Na descripção do cinto de Venus, não ha quadro de Albano que se aproxime ainda de longe a esta risonha e singela pintura. Querendo apasiguar a colera dos deuses, personifica as supplicas: — «são filhas do pae dos deuses; caminham tristemente, coberta a fronte de confusão, os olhos arrasados de lagrimas, e, mal podendo suster-se sobre os tremulos pés, vão seguindo de longe a Injuria, a orgulhosa e alliva Injuria que corre sobre a terra com lesto passo, erguendo a fronte audaz.»

E' n'este ponto que não podemos deixar de nos scandalisar com o defunto La Motte Houdart, da academia franceza, que, na sua traducção de Homero, assassinou esta bella passagem, resumindo-a nos dois seguintes versos:

On appaise les dieux; mais par des sacrifices,  
De ces dieux irrités on fait des dieux propices.

Que desgraçado dom da natureza é o espirito se foi elle que impediu ao senhor de La Motte de apreciar estes sublimes rasgos de imaginação, e fez acreditar ao erudito academico que algumas antitheses, e alguns delicados circumloquios de phrase poderiam supprir estes trechos d'eloquencia!

La Motte expurgou muitos defeitos de Homero, mas não lhe conservou uma só das suas bellezas: não fez mais de que um myrrhado esqueleto d'um corpo robusto e sadio.

Em vão foram os elogios que todos os jornaes prodigalisaram a La Motte; em vão com toda a arte possível, e ajudado pelo seu merito creou este nobre academico um partido consideravel; o seu partido, os elogios que lhe tributaram, e a sua traducção, tudo desapareceu, e Homero ficou!

Os que não podem perdoar os defeitos de Homero, pensando-os com as suas bellezas, são, pela maior parte, espiritos philosophos de mais, que já tem abafado em si todo o sentimento. Encontra-se nos *Pensamentos* de Pascal que a belleza poetica não existe; e diz elle que para supprir esta falta foram inventados os grandes palavrões, como *fatal laurier*, *bel astre* e outros, e que é n'isto que ella consiste.

Este trecho só prova que o seu autor fallava do que não entendia. Para julgar dos poetas é preciso saber sentir, é preciso ter nascido animado por algumas scintillas do fogo que inspira aquelles que pretendemos conhecer; assim como para ajuizar da musica não é bastante, só, não vale nada mesmo, o saber calcular mathematicamente a proporção dos tons: é necessario para ambas as coisas ter ouvido e alma.

Ninguém julgue conhecer os poetas unicamente pelas traducções; isto equivale a pretender avaliar o colorido d'um quadro por uma estampa. As traducções só servem para augmentar o numero dos defeitos de uma obra, e para desvanecer-lhe as bellezas que possa conter.

Quem lê madame Dacier não lê Homero: é só no grego que se pode apreciar o estylo do poeta, todo cheio de simplicidade e negligente abandono, mas nunca affectado, e repleto da harmonia natural da mais bella lingua que os homens tem fallado.

Finalmente, ver-se-ha ali o proprio Homero, como os seus heroes, todo cheio de defeitos; mas sublime.

Não aconselharei ninguem a que o imite na conducção do seu poema; mas tambem direi, que feliz do que como elle souber tirar tanto partido dos detalhes. Para os homens, é n'isto que indubitavelmente consiste o encanto da poesia.

Canova.

Este illustre artista, que os seus compatriotas appellidam, com justo titulo, principe dos esculptores do seu tempo, nasceu na pequena aldeia de Possagno, nos estados de Veneza, em 1737.

Filho de paes pobres, Antonio Canova teve que lutar contra todos os obstaculos, que a indigencia oppõe ao desenvolvimento do talento. Como Miguel Angelo, e Raphael, não procurou a inspiração; foi a propria inspiração que veio ter com elle na edade em que nem se deseja, nem se aprecia. Entretanto a isso deveu todo o seu futuro de gloria.

Sendo muito creança, lembrou-se um dia de dar uma forma elegante a uma porção de manteiga, que devia ser servida na mesa de um fidalgo, chamado Falieri, que era senhor d'aquella aldeia. A manteiga saiu das mãos do pequeno artista, representando um leão. A obra não era, nem podia ser, perfeita; mas havia n'ella traços, que revelavam um talento precoce no autor. E foi quanto bastou para lhe alcançar a protecção do fidalgo. Falieri traçou-lhe o caminho da arte; e introduziu-o n'elle gastando largamente, e animando-o sempre.

Canova correspondeu em breve ás esperanças e generosos esforços do seu nobre protector. Aos quinze annos concluiu o joven artista a sua primeira obra de esculptura em marmore.

Em 1779 foi chamado a Roma pelo embaixador de Veneza. Tinha apenas vinte e dois annos, e já era conhecido pelas suas estatuas de *Eurydice* e *Orpheo*. O formoso grupo de *Dedalo* e *Icaro*, que executou pouco depois, foi causa de lhe ser decretada pelo senado de Veneza uma pensão de trezentos ducados.

Fazendo profundos estudos sobre os bellos modelos, que se admiram na cidade de Roma; lendo com meditação os escriptos de Winckelmann e de Raphael Mengs; aceitando, e mesmo pedindo, o conselho dos amadores esclarecidos da arte, propoz-se a reformar a corrupção geral do gosto, associando a natureza ás bellezas ideaes dos antigos. A sua estatua de *Theseo sentado sobre o minotauro vencido* foi o primeiro resultado d'estes intelligentes esforços. Desde esse momento cresceu a sua reputação, espalhando-se por toda a Europa. Em breve outras produções ainda mais transcendentales do seu talento o collocaram por universal accordo no primeiro logar entre os esculptores do seu seculo.

As guerras e revoluções, que assolaram a sua patria, e toda a Italia, em 1798, levaram-o n'esse anno a viajar para Alemanha.

Voltando a Roma nomeou-o Pio vii inspector geral das bellas artes, e cavalleiro romano. Em 1802 foi chamado a Paris pelo primeiro consul, Napoleão Bonaparte. O eximio artista foi ahí acolhido com muitas honras e distincções. Sendo encarregado de fazer o busto colossal de Bonaparte, recebeu d'este como prova da sua satisfação a nomeação de membro da Legião de Honra. O instituto de França nomeou-o seu socio.

Pouco tempo depois passou a cidade de Londres, onde, entre muitos testemunhos da munificencia real e do favor publico, recebeu do principe regente uma riquissima caixa de rapé de ouro cravejada de brilhantes.

O seu regresso á Italia foi para o grande artista um verdadeiro triumpho. A' sua entrada em Roma saiu-lhe ao encontro a academia de S. Lucas em corporação, felicitando-o, e acompanhando-o a casa. O papa concedeu-lhe uma audiencia solemne, e n'essa occasião, em presença dos cardeaes e mais pessoas da corte pontificia, entregou-lhe o diploma, que attestava a inscripção do nome de Canova no livro de ouro do capitulo. Finalmente foi creado marquez d'Ischia, com uma pensão de tres mil escudos romanos.

Canova gosou por bastante tempo da sua immensa gloria. Falleceu em Veneza no dia 13 de Outubro de 1822. Em todas as cidades principaes da Italia se lhe fizeram exequias como a pessoa real. Roma, principalmente, ostentou n'esta funebre funcção uma extraordinaria magnificencia.

Estes obsequios e saudades eram um tributo devido tanto ao homem como ao artista; pois que as qualidades da sua alma andavam apar das elevadas aspirações do seu genio. Simples e modesto, bondoso, desinteressado, e isemto dos miseraveis ciumes de profissão, Canova fez sempre o mais nobre uso da fortuna, que adquiriu. Mostrou-se em todos os tempos cheio de gratidão para com os amigos e protectores da sua juventude. Entre diversas disposições testamentarias, que honram a sua memoria, devemos mencionar a que manda separar uma avultada quantia dos seus bens para repartir por todas as academias de Roma, e para crear um fundo, cujos rendimentos sejam applicados a ajudar e animar artistas pobres, e a soccorrer na velhice os necessitados.

Canova foi o esculptor dos tempos modernos,

que possuiu em mais alto grau o segredo de transmitir ao bronze e ao marmore as formas mais elegantes e delicadas, a belleza mais perfeita, e a graça mais ideal. Quem vê os arrogantes leões que elle esculpiu, os seus musculosos domadores de feras, os conquistadores de aspecto altivo e iracundo, e emfim os heroes no sublime repeito da victoria, julga que este famoso estatuario era predestinado pela natureza do seu talento para exprimir todas as formas symbolicas da força. Porém quando elle queria descer do tom e das scenas da força athletica, ou da virtude guerreira coroada, o marmore ou o bronze, parecendo abrandar-se de baixo das suas divinas mãos, representavam Venus e o seu cortejo com todas as mimosas graças da mocidade, ou os mais sublimes assumptos do christianismo com toda a magestade da religião, ou a amizade, cheia de uma santa tristeza, e com a expressão dolorosa de uma saudade eterna, chorando sobre os tumulos.

As obras de Canova são tão numerosas, quão variadas. Poucos serão os paizes, que não possuam d'este insigne artista alguma estatua, ou busto, algum baixo relevo, ou mausoleo. Em Lisboa admira-se na capella do palacio do Calhariz, dos senhores duques de Palmella, o tumulo de D. Alexandre de Sousa Holstein, pae do primeiro duque de Palmella, que morreu em Roma, sendo embaixador de Portugal. Sobre o sepulchro avulta uma estatua da melancolia, obra de muito primor.

Canova fez as estatuas colossaes do imperador Napoleão I, do papa Pio vi, do imperador Francisco I d'Austria, da imperatriz dos francezes Maria Luiza, de Washington, do imperador Alexandre I da Russia, da mãe de Napoleão, da princeza Borghese, do nosso rei D. João vi, e muitas outras religiosas, ou mythologicas. São produções do seu sinzel os mausoleos do papa Clemente xiii, da archiduqueza d'Austria Maria Christina, do celebre Alfieri, do principe Frederico de Orange, do almirante Nelson, etc.

As estatuas, de que damos copia, são em marmore branco. A da bailarina e a de Hebe são de proporções naturaes. O grupo de Hercules arremegando Lycas ao mar é colossal. A estatua de Hebe, tão esbelta e formosa, foi comprada pelo imperador Alexandre I.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lendas Nacionaes.

IV

PEDRO JULIÃO.

Conclusão.

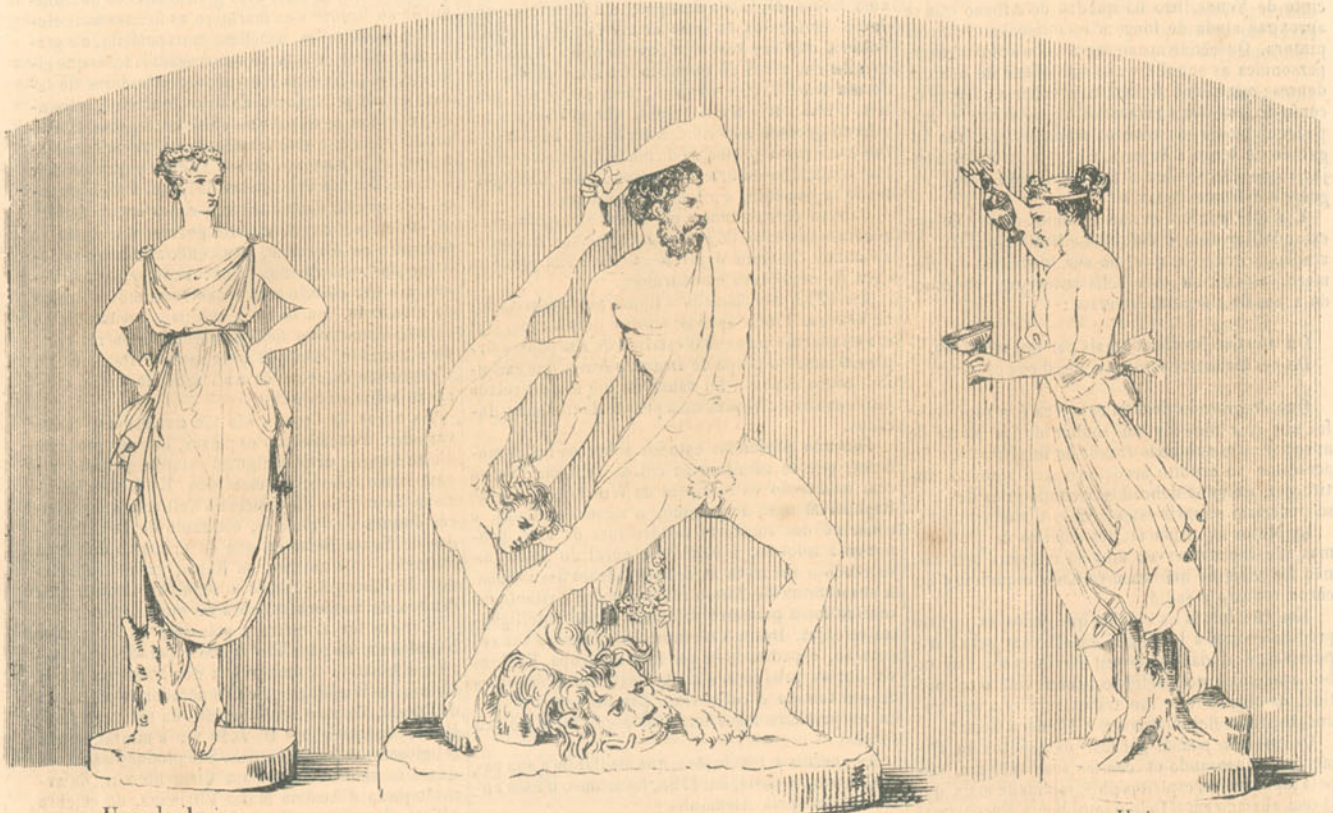
As alegrias e caricias sem fim com que Pedro fôra recebido, e a anciedade de Julião para ver com os seus olhos o resultado dos exames de seu filho, obtaram a que este o fosse dispoendo para receber com menos dolorosa impressão as novas que lhe trazia.

Vendo pois fallar-lhe esta primeira parte do seu plano, o mancoo entregou as cartas sem proferir palavra alguma. Esperou resignado ver rebentar a colera de seu pae. Fez proposito de lhe deixar pelo seu silencio amplissimas largas ao desabafo. E depois, desafogada a primeira dôr nas queixas e reprehensões, iria lançar-se ao pescoço de seu pae, contar-lhe-hia toda a verdade, havia de abrir-lhe o seu pobre coração, implorar-lhe perdão para a sua falta, e compaixão para o seu casto amor. O pae, que tanto lhe queria, não resistiria aos seus rogos.

Coitado! este segundo plano não foi mais bem succedido que o primeiro. Nenhuma reprehensão, nem uma só queixa saíram da bocca de Julião. O golpe, que recebeu, foi mui profundo para que a dôr assim podesse subir-lhe aos labios, e desafogar-se em palavras!

Apenas leu as fataes cartas, colloçou-as sobre um bofete, e deu alguns passos como se pretendia dirigir-se para o seu oratorio, que estava na mesma sala em que esta scena se passava. Porém quasi junto d'elle, sentindo fraquejarem-lhe as pernas, e fugir-lhe a luz, deixou-se cair sobre uma cadeira.

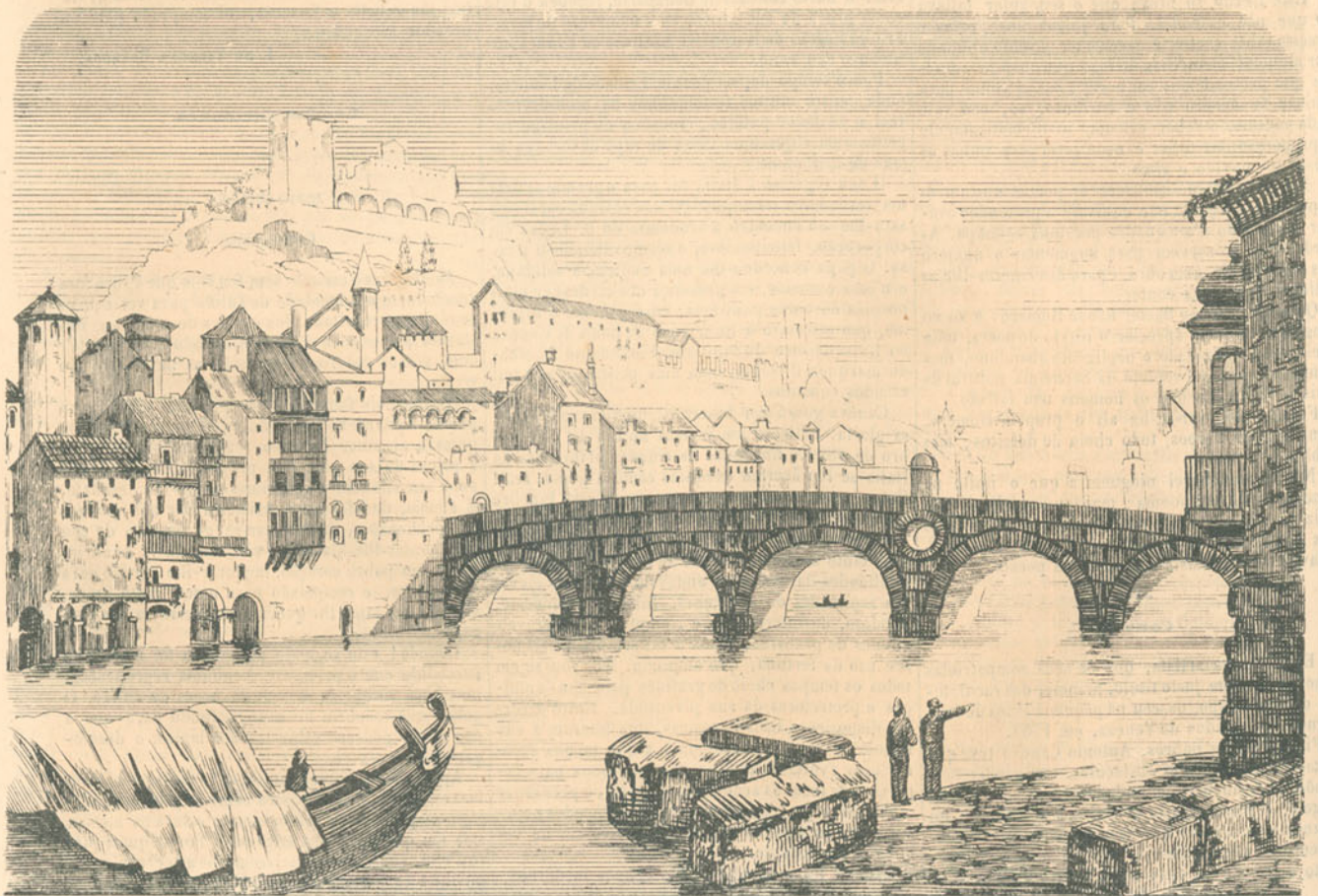




Uma bailarina

Estatuas de Canova  
Grupo de Hercules e Lycas

Hebe



Verona vista do lado do rio.





Cidade de Verona



A esposa e o filho, que até ali o contemplavam immoveis, correram logo para elle, e em quanto a primeira tratava de lhe borrifar o rosto com agua fria, e dar-lhe a cheirar certo espirito, o segundo abraçava-o, cobria-o de beijos, e entre lagrimas e soluços dava-lhe as desculpas, que acima referimos, occultando-lhe ainda toda a verdade com receio de lhe causar mais funesta impressão.

Julião recobrou os sentidos, que por um momento perdera. Pouco a pouco se lhe desanuviou o semblante, assumindo a sua natural expressão de serenidade e bondade. Encarou com olhos de agradecimento sua mulher e seu filho, e a este, que, posto de joelhos, se debulhava ainda em copioso pranto, correu-lhe a mão sobre a cabeça, e depois pelo rosto, acompanhando esta acção com um sorriso, que parecia dizer—estás perdoado!

Pedro animou-se então. Julgou chegada a occasião opportuna para a confissão do seu segredo, e sem mais esperar lançou-o no peito paterno com toda a ingenuidade infantil, com o entusiasmo da juventude, e com a emoção do condemnado, que vai ouvir ler a sua sentença entre as esperanças da vida e os temores da morte.

O mancebo leu simplesmente no semblante do pae, que, sem duvida, exprimia esquecimento e perdão. Mas se acaso descedera ao fundo da sua alma,ahi acharia, apor do perdão e do esquecimento, o desejo ainda vivo de ver seu filho ecclesiastico, e a confiança de assim o conseguir do amor filial e da humildade do seu Pedro, que acabavam de manifestar-se de um modo tão authenticamente formal.

Portanto a confissão de Pedro desalojou do seu ultimo reducto a esperança derradeira do triste pae! Desde esse momento Julião viu-se na dura alternativa de mentir a Deus, falseando a promessa mais solemne, que em sua vida lhe fizera; ou exigir de seu filho o sacrificio da propria felicidade, e talvez a condemnação da alma do sacerdote arrastado á força para os altares!

A lucta que então se travou no seu espirito foi terrivel. Os labios, com da outra vez, não a declararam, mas denunciaram-na as mais feições, que visivelmente se alteraram.

Passou-se por alguns instantes uma scena muda entre os tres actores, mas cheia de interesse e de animação na sua propria mudez. O pae vacillava entre as torturas da escolha de dois sacrificios immensamente grandes. Em sua opinião era a escolha da alma, que se havia de perder. A mãe, suspensa no meio dos dois maiores affectos, que enchem e commovem o coração da mulher, procurava prescrutar os pensamentos de seu marido, e orava mentalmente com fervor, supplicando á Virgem Santissima que lhe valesse n'aquella attribuição. E o filho, não comprehendendo o estado moral de seu pae, e tomando a repentina mudança, que se operava na sua physionomia, por uma impressão de desgosto passageira como a outra, fitava n'elle os olhos como quem lhe espreitava os movimentos, contando a todo o momento ouvir-lhe pronunciar o desejado consentimento.

Julião animou-se de improviso. Afogou-se-lhe as faces, até ali involtas em triste pallidez; e os olhos, que pareciam baços e mortaes, brilharam com singular expressão. Este homem extraordinario acabava de tomar uma resolução. O amor paternal saíra triumphante da lucta.

Ergueu-se pois da cadeira visivelmente agitado, e, fazendo esforço para mostrar serenidade, abraçou o filho, e deitou-lhe a benção, dizendo:

—Perdoe-te Deus a offensa, que lhe fazes, como eu te perdoo o mal, que me has feito. Pois que queres trocar a todo o custo o estado de sacerdote pela vida de casado, não serei eu o estorvo da tua felicidade. Segue portanto o teu destino; e ahi tens a minha benção.

Ainda bem não tinha proferido as ultimas palavras, já Pedro lhe havia saltado ao pescoço, e tal era a sua alegria e commoção, que apenas pôde agradecer-lhe, beijando-o muitas vezes, e inundando-lhe de lagrimas o rosto e as mãos. O honrado ancião nada dizia durante estes transportes, mas chorava tambem abundantemente, e apertava o filho contra o coração.

Pedro arrancou-se dos braços do pae para se lançar nos de sua extremosa mãe; depois correu como louco para a porta, e desceu a escada d'um pulo.

O namorado mancebo ia matar saudades de uns poucos de annos, e levar novas de ventura á que havia de ser companhia de seus dias.

Porem mal tinha dado os primeiros passos na rua, veio sua mãe á janella em grande perturbação, gritando-lhe que voltasse apressadamente. Seu infeliz esposo acabava de ser accommettido de um novo e mais terrivel accidente, que lhe tirara o uso de todos os sentidos.

Na sua qualidade de medico, Pedro tratou immediatamente de examinar o enfermo, e como descobrisse symptomas, que o assustaram, feitas as applicações do momento para casos taes, saiu precipitadamente para invocar o soccorro de facultativo mais experimentado.

Pouco depois voltou acompanhado de um medico, cujo prognostico, apesar do doente ter recobrado os sentidos, lançou a familia na maior consternação.

Vendo Pedro a sua mãe em tamanha dôr e afflicção, querendo consolal-a, chamou-a de parte para lhe dar esperanças que elle proprio não tinha. Porém ella, abanando tristemente a cabeça, respondeu-lhe, que só milagre de Deus o podia salvar, porque não estava no poder da medicina curar a causa do seu mal. E em seguida contou-lhe a historia do seu nascimento, e da promessa, que seu pae fizera. Foi então que ao desventurado moço se patenteou o seu infortunio em toda a sua grandeza. Foi então que elle comprehendeu a natureza do desgosto, que dera a seu pobre pae!

Pedro julgou-se n'esse momento um filho paricida. Horrorisado com similhante idea, ficou por alguns instantes immovel e sem accordo, como se o assombrara um raio. Animado depois por uma subita inspiração, exclama, com os olhos cheios de fogo:

—Vou salvar meu pae! E sae precipitadamente.

Corre direito á sé, sobe veloz as escadas do contiguo paço episcopal, e vae lançar-se aos pés do bispo D. Matheus. O sentimento e eloquencia com que lhe conta a sua triste historia; o fervor com que lhe pede as ordens sacras no mais breve espaço, que fór possível; esta dedicação do amor filial; o espirito religioso, que ressumbrava das suas palavras; a gravidade com que temperava a vehemencia da sua dôr, e a exaltação das suas idéas, interessam e commovem tanto o prelado, que, dispensando todas as formalidades, resolveu dar-lhe as ordens no dia seguinte.

A maneira porque o joven medico recebeu as ordens, edificou a todos os circunstantes. A cerimonia, que ia despedaçar para sempre os laços, que o seu coração formava, nem levemente lhe alterou a serenidade do rosto. Quem assim o visse tão tranquillo e satisfeito, julgaria que uma vocação verdadeira o tinha conduzido áquello lugar. N'aquelle momento solemne uma unica idéa occupava o espirito do mancebo. Era a idéa de salvar o pae!

E com effeito salvou-o. Deus acolheu benignamente o sacrificio do bom filho.

Depois das prevenções exigidas pelo estado melindroso do enfermo, foi-lhe apresentado o reverendo padre Pedro Julião. Apesar de todas as cautelas, foi tão grande o prazer do doente ao ver o filho no seu novo estado, que este forte abalo moral causou-lhe uma recaída, que deu cuidado por alguns dias. Mas depois gradualmente se foi restabelecendo.

Passado pouco tempo foi provido o joven ecclesiastico na igreja parochial de Santo André, da villa de Mafra. Mas curta residencia teve ahi. O bispo de Lisboa, D. Matheus, que lhe tomara particular affeição, chamou-o para deão da sua sé.

O seu merecimento fez-se então mais conhecido, de modo que á protecção do prelado veio juntar-se a d'el-rei D. Affonso III; e em breve espaço de tempo foi nomeado thesoureiro-mór da sé do Porto, arcebispo de Vermoim na sé de Braga, e D. Prior de Guimarães, dignidades muito rendosas, que accumulou com a de deão de Lisboa.

Eleito pelo cabido de Braga successor do arcebispo D. Martinho Giraldes, partiu logo depois para o concilio Lugdunense, convocado por Gregorio X em 27 de Março de 1272.

N'este vastissimo campo é que se patentearam em toda a sua força e esplendor os talentos e vir-

tudes, de que era ornado. E tão alto se elevaram, e tanto brilharam, que o modesto filho de Julião Rebello viu-se no anno seguinte creado cardeal, e bispo Tusculano, e a 13 de Setembro de 1276 coroado com a tiara pontificia. Mudando de nome, segundo o estylo, ao sentar-se na cadeira do seu patrono, o principe dos Apostolos, Pedro Julião tomou o nome de João XXI.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### A cidade e praça de Verona.

Verona, cidade antiquissima, e já importante no tempo dos romanos, pertence aos estados propriamente de Veneza, e é a terceira cidade do reino Lombardo-Veneziano. Está assentada sobre as duas margens do rio Adige, que a divide em duas partes quasi eguaes. A parte que se estende á direita chama-se *Verona*; a outra *Veronetta*. Communicam-se por bellas pontes de cantaria.

Tem esta cidade boas ruas, sendo a melhor a do *Corso*, quatro grandes praças, e vinte e sete mais pequenas. Na mais vasta de todas, chamada de *Brá*, fazem-se duas feiras annuaes de muito commercio.

Encerra Verona edificios magnificos, tanto antigos, como modernos. A cathedral é um templo de architectura gothica, em que se admira alguns painéis dos mais insignes pintores da Italia, entre os quaes sobresaem um de Ticiano, que passa por ser uma das melhores produções d'este eximio artista. A bibliotheca do cabido possui doze mil volumes impressos, e quinhentos e quarenta e tres codices gregos e latinos manuscritos. A igreja de S. Zeno é notavel pelas suas antigas esculpturas gothicas, e pelo mausoleo de Pepino, ascendente do imperador Carlos Magno. Os outros templos dignos de menção por obras d'arte são: a famosa capella *Varesca*, de S. Bernardino; a retunda de Santa Anastacia; S. Jorge; Santa Helena; Santa Eufemia; e S. João da Fonte.

A frente dos monumentos de antiguidade figura o seu grande amphitheatro, obra dos romanos, em bom estado de conservação. Tem mil trezentos trinta e um pés de circumferencia, e pode conter vinte e tres mil quatrocentos sessenta e quatro espectadores. De outro edificio romano, não menos vasto e sumptuoso, que uns julgam ter sido uma naumachia, e outros um capitolio como o de Roma, só restam as ruinas.

O palacio da academia philarmónica, o palacio Pompeo, o da municipalidade, e o arco triumphal, são edificios de bella architectura; porém o mais esplendido dos monumentos modernos é o theatro, obra de Sansovino, ornado de um soberbo peristylo, de estatuas de marmore e de bronze, e de baixo-relevos. O cemiterio é reputado pelo melhor da Italia. Tambem são grandes obras o dique do Adige, e uma das pontes que o atravessam, ambas de marmore.

Ha na cidade muitos palacios particulares, que, apesar de não se distinguirem pelas bellezas d'architectura, são notaveis pela abundancia de objectos d'arte, que encerram, principalmente pinturas dos grandes mestres.

Conta Verona os seguintes estabelecimentos de instrucção publica: a academia d'agricultura, commercio, e artes; as academias de bellas artes, e philarmónica; a sociedade litteraria; o real collegio de educação de meninas; a bibliotheca publica, contendo treze mil volumes; o museu d'antiquidades; o museu de mineralogia, e outros productos de historia natural; o jardim botânico; o gabinete de physica; e a pinacoteca, ou galeria de quadros. Tanto em historia natural, como em physica e pintura ha tambem collecções particulares muito estimaveis.

A industria dos habitantes é representada por muitos e importantes estabelecimentos fabricas de tecidos de lã, de seda, de linho, e de algodão. Além d'estes productos fabricam-se ali muitos outros de variado genero.

As antigas fortificações, muito augmentadas n'estes ultimos tempos, constituem esta cidade uma das praças fortes do reino Lombardo-Veneziano.

Verona, cuja população ascende hoje a cincoenta mil almas, foi patria de muitos homens celebres, taes como C. Valerio Catulo, Cornelio Nepote, Pli-



nio o Velho, Vitruvio, Guarino, o cardeal Noris, Maffei, Paulo Veronese, etc.

Os arrabaldes são amenos e férteis. Consiste a sua principal cultura em trigo, arroz, vinhas, oliveiras, arvores frutíferas, e amoreiras para a criação dos bichos de seda, que é ali muito vulgar. As visinhanças de Verona são celebres na historia por sanguinolentas batalhas, que ali se tem pelejado em diversas edades.

Nos tempos modernos são memoraveis os sitios de *Arcole* e *Rivoli*, onde Napoleão Bonaparte destrou os austracos em 18 de Novembro de 1796, e em 14 de Janeiro de 1797, de que resultou a tomada de Verona, e a expulsão dos austracos da Italia. Em 1805 foi esta praça outra vez tomada pelo imperador Napoleão. Em 1822 reuniram-se n'esta cidade os imperadores d'Austria e da Russia, e o rei da Prussia, que ali celebraram o famoso congresso de Verona, ou da *Santa Alliança*, que deu em resultado o acabamento da liberdade nas duas peninsulas italiana, e hespanica.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Noticias biographicas dos personagens da actual guerra d'Italia.

O principe Napoleão, que está actualmente na Toscana, a frente de um corpo de exercito, nasceu em Trieste a 9 de Setembro de 1822. Passou os primeiros annos na Suissa, e em 1837 entrou na escola militar de Louisburg (no Wurtemberg). Passada a revolução de Fevereiro foi enviado á assemblea constituinte, e quando rebentou a guerra entre a França e a Russia, pediu compartilhar os perigos do exercito, trasladando-se á Crimeia no commando de uma divisão. Achou-se nas batalhas d'Alma e Inkerman. Diz-se que é dotado de muito sangue frio, e que tem um talento superior.

O general Niel nasceu em 1802. No anno de 1821 entrou na escola polytechnica, e passou á applicação de Metz, da qual saiu em 1827 com gradação de segundo-tenente de engenheiros. Foi promovido a capitão em 1835, e no seguinte foi para Argelia, tomando activa parte no sitio de Constantina, e por isso foi promovido a chefe de batalhão. Subiu a coronel em 1846, e em 1849 foi á expedição de Roma como chefe de estado-maior de engenheiros. Dois mezes depois subiu a general de brigada, e desempenhou a missão de ir a Gaeta levar a sua santidade as chaves de Roma. Em França, quando regressou, foi encarregado da direcção de engenheiros no ministerio da guerra. Foi promovido a general de divisão a 30 de Abril de 1853. Na campanha da Russia foi com o corpo expedicionario ao Baltico, e commandou os engenheiros no sitio de Bomarsund. Tomada esta fortaleza valeu-lhe ser nomeado ajudante de campo do imperador. Foi nomeado commandante em chefe do corpo de engenheiros do exercito do Oriente; dirigiu o sitio da praça, recebendo dias depois do assalto definitivo a grã-cruz da Legião de Honra.

O general Elias Frederico Forey, nasceu em Paris no anno de 1804. Em 1822 entrou na escola de Saint Cyr; foi depois instructor do 2.º ligeiro; fez parte da divisão d'Argel; e esteve de guarnição nos Pyreos até 1835. Nomeado capitão, passou á Africa, e distinguio-se em Medeah, por occasião da retirada do primeiro cerco de Constantina. Em 1840 commandava um batalhão de caçadores a pé, e n'essa qualidade fez quatro campanhas na Africa, d'onde voltou coronel em 4 de Novembro de 1844. Foi feito general em 1848, e contribuiu para o golpe d'estado de 2 de Dezembro de 1851, e por isso foi condecorado com a commenda da Legião de Honra. E' general de divisão desde 22 de Dezembro de 1852. Em 1854 commandou a reserva do exercito do Oriente, e por algum tempo as forças postadas em frente de Sebastopole. Em 1857 tomou o commando da primeira divisão do exercito de Paris. Desde 21 de Outubro de 1854 é grã-official da Legião de Honra.

O conde Carlos de Buol Schauenstein, ex-ministro do imperador Francisco José d'Austria, é oriundo de uma familia distincta na diplomacia. Seu pae, o conde João Rodolfo, presidiu muitos annos á Dieta germanica, como plenipotenciario da Austria. O conde Buol principiou a sua carreira pelas embaixadas. Era ministro plenipotenciario em Turim, quando rebentou a revolução italiana em 1848; e então se retirou do Piemonte. Em 1852 foi nomeado presidente do conselho de ministros, com a pasta dos estrangeiros. Pode dizer-se que no decurso da guerra do Oriente, pelas sympathias que testemunhou sempre pelas potencias occidentaes, forçou a Russia a fazer a paz; e no congresso de Paris que se seguiu áquella guerra, mostrou-se conciliador e liberal, relativamente ás questões do equilibrio europeu, se bem que reservado relativamente ás questões da Italia. Como a actual guerra, segundo parece, não foi muito do seu voto, apenas ella rebentou entre a Austria e o Piemonte demittiu-se da presidencia do conselho, e da pasta que occupava.

Camillo de Cavour, que recebeu cartas de nobreza do fallecido rei Carlos Alberto, é filho de um negociante da comarca de Niza, e principiou a sua carreira civil pelo jornalismo, no jornal *il Risorgimento* que fundou, e no qual tratou com muita proficiencia altas questões economicas. Depois da batalha de Novara foi eleito deputado (1849). Elevado ao cargo de ministro, nas pastas do commercio, agricultura, e fazenda, conseguiu reparar os desastres porque o Piemonte tinha passado. No meio dos combates que teve de dar ás diversas fracções politicas, soube crear um partido e maioria parlamentar, com a qual pôde governar sobre as fracções adversas. Não foi pequena a lucta que sustentou ha ainda pouco tempo com a corte de Roma. A sua politica de hoje mostra que o sentimento da independencia e união da Italia foi que o induziu a unir o Piemonte ás potencias occidentaes na guerra do Oriente, porque assegurava assim á sua patria o apoio da França e da Inglaterra, como parece que assegurou tambem posteriormente o da Russia, fazendo-lhe concessão de um porto de mar. Mais tarde, no congresso de Paris, aproveitando-se da malquerença da Russia contra a Austria, expoz ali com habilidade os padecimentos da Italia, e conseguiu assim levar aos ouvidos dos monarchas os motivos de agravo da opprimida. Este comportamento grangeou-lhe a sympathia geral dos italianos, que lh'a demonstraram nas subscrições voluntarias com que concorreram para as fortificações de Alexandria. O armamento d'esta cidadella foi o que motivou o protesto da Austria, em seguida o rompimento das relações diplomaticas entre estes dois paizes, e por fim a actual guerra. O conde de Cavour representa a emancipação da Italia.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

XVII

Continuação.

Oito dias depois, Eduardo recebeu um bilhete de Maria annunciando-lhe a sua partida para o campo, e marcando-lhe o dia e hora da prometida entrevista.

Eduardo esperou esse momento com impaciencia. O dia, que tanto lhe tardou, pareceu-lhe ainda um seculo. Eram quasi horas de partir: a sede esperava-o. Soou a campainha: era o portador d'outra carta de Maria. *Contra-ordem!*

—Uma contradicção constante! Exclamou Eduardo rasgando o sobrescripto.

E leu:

«Meu amigo, e preciso que de uma vez para sempre acabem estas nossas loucuras. Crê que te amo; que sou e serei sempre a tua maior amiga; mas convence-te de que não estou disposta a arrostar os principaes obstaculos que nos separam, e evitam a nossa inutil correspondencia. Pensa de mim o que quizeres, e não me falles mais em coi-

sas que por em quanto estão muito longe de serem realisadas, que me sobressaltam o espirito, e transformam constantemente a harmonia do meu viver. É preciso que esse grande sentimento a que chamamos amor não seja a condemnação da nossa alma. Não sei porque titulo quereria merecer-nos um dos mais puros sentimentos do coração uma pessoa que tivesse sido a causa das nossas peiores faltas! Comtudo, devo explicar-te de algum modo a causa da nova *contradicação*, que sem duvida julgas achar n'esta carta. Pensarás de mim o que quizeres; excepto que eu seja tola. Mas em primeiro lugar, tu que não ha muito tempo me fallaste nos teus sacrificios, dize-me com franqueza — que sacrificios são esses? Tenho curiosidade de saber. Que tens tu feito por amor de mim? Ha oito annos, perto de nove, creio que já é tempo de perguntar-te onde estão as verdadeiras provas do teu amor. Tens porventura pensado em estabelecer-te? Em adquirir uma posição que destruisse em parte a causa do conceito em que és tido por minha boa mãe? Creio que não. Nem um passo diligente, nem uma idéa adequada, nem um volver d'olhos para o futuro!... E verdade que logo ao principio da nossa *intelligencia* me fallaste da falta d'esse futuro, comparando a tua triste posição á grandeza do sentimento que te inspirava, como se tivesses querido experimentar se a minha affeição resistia, por amor de ti, á idéa da tua pobreza. Resistiu; mas eu esperi sempre que o tempo te levasse melhor fortuna; porque contava com os teus desejos, e acreditava na causa que devia mover-te. Seja embora muito verdadeira essa causa: creio n'ella; mas o que não posso crer é que tenha tido força bastante para mover-te o animo a adquirir posição favoravel ao cumprimento dos nossos desejos. Não te crimino. É desgraça minha! Acredita, Eduardo, que os meios de realisar os mais elevados e poeticos sonhos d'alma, são sempre os mais materias e apoguentadores!

«Eu, porém, ter-te-hia dispensado de passares pelos desgostos que a pratica d'elles offerece, se outra vontade, superior á minha, não viesse ali impor barreiras ao meu pensamento. E... quem sabe! talvez que um dia as tivesse despedaçado; tão convencida estou de que roubar o coração ao jugo, que só nas leis do despotismo se baseia, é elevavel! Prendeu-me, e hade prender-me sempre um juramento que, em horas menos propicias das nossas relações, troquei contra um sacrificio, que exigiu de minha mãe. E obrigar-me-ha sempre esse juramento, Eduardo, a sacrificar-lhe tambem a affeição que lhe desmerecer o agrado.

«Se crês que te amo, fazeste justiça ao meu soffrimento; e não procures convencer-me de que terias confiança na mulher que por amor de ti houvesse perjurado para com o amor materno!

«Não te roubo porém todas as esperanças; deixo-te uma. Ha uma coisa que talvez um dia me desligue d'esse juramento. E se Deus assim quizer, serei tua.»

Nuvens outra vez pelo horizonte, que um momento brilhara tão cheio de esperanças!

Que devia Eduardo responder áquella carta? Não era d'esta vez o conselho de Violante que sobressaía no sentido das expressões; mas sim a intelligencia de Maria que ali fallava!

Era preciso reconhecer emfim a verdade. Uma das melhores provas de amizade, que Violante podia offerecer a Maria, era aconselhar-a a adormecer o seu infeliz sentimento. Um dos maiores actos de generosidade em que Eduardo podia experimentar o espirito, era não mais fallar a Maria d'esse amor, tão pouco sancionado pelos recursos da sua existencia!

Mas aquella carta continha uma pergunta. Eduardo pegou na penna, e respondeu:

«Maria, fallaste-me hoje pela primeira vez n'um sentido que não devo deixar sem algumas explicações, ás quaes me autorisa a tua pergunta. Parece na verdade, a quem não descer á analyse da minha vida privada desde que entrei no mundo, que tem havido desleixo em procurar um futuro, digno de te ser offerecido. A ninguem dei nunca explicações do meu comportamento, nem do meu modo de pensar, senão a ti, que de certo hade pesar ás minhas razões na balança da verdadeira justiça que attribuo á tua inquestionavel intelligencia. Tive avós



lavradores, e avós fidalgos: veiu-me d'elles a altura em que sempre tenho sustentado, assim como meu pae, o pensamento em relação aos meios de adquirir fortuna. Meu pae foi um dos mais completos homens de honra, e por isso tantas vezes baixos espiritos o accusaram de pouco industrioso no modo de procurar engrandecer-se!

«As armas, ou a lavoura, eram os dois unicos recursos que se me offereciam para estabelecer o meu futuro. Não pensando no segundo, por falta de tendencia e de meios, decidi-me pelo primeiro. Mas as precarias circumstancias em que estavamos, muitas vezes deram logar a interrupções no meu curso militar, e outras tantas fui accusado, por quem só julga pelas apparencias, de pouco diligente, e até de extravagante. As revoluções politicas, porque desgraçadamente tem passado este paiz, augmentaram a difficuldade. Era preciso tomar uma resolução. A sorte da guerra, alterando os principios, traz-nos muitas vezes a felicidade. Lancei-me na revolução, e pugnando pelo meu paiz, que gemia sob certas influencias, pugnei tambem pelos meus interesses. Entrei como creança, avido de gloria, avido de um futuro, de um nome, de uma posição; e lançado pelo revez da politica n'essa situação tão desairosa para as paginas da Historia portugueza, sai da revolução como para lá havia entrado; mais pobre ainda, porque tinha gasto sem resultado dois annos d'existencia.

«O tempo, que me não trazia melhoria, trouxe-me a idade; e eu preferia passar por extravagante a contar por toda a parte a verdadeira razão do meu apparente modo de pensar. Feliz do homem que, tendo inveja das felicidades alheias, possui recursos para conseguir elevar-se até onde ella o instiga! Accusava-me do peccado: a inveja moradia-me o coração; porém eu não podia de modo algum attingir o alvo da minha inveja! — Nem o exemplo do estudo, e dos seus brilhantes resultados lhe arranca o espirito á inacção em que se lançou! Diziam os estranhos. Eu ria-me, como para lhes responder — E' verdade. — O juizo do mundo é quasi sempre assim. Entretanto, poucos momentos tenho passado sem lançar um olhar para o futuro da minha existencia. O amor proprio constantemente suffocado tem-me consumido; as minhas noites teem-se escoado entre pensamentos, resolvendo idéas sobre idéas para chegar a uma combinação possível, e sempre a estridente voz da desgraça a dizer-me — *perde-te*, se não preferes *aviltar-te*, que só com essa condição te abandono! Em quanto tiveres nobres instinctos, de virtude e de honra, és meu! — Maria, temi aviltar-me, porque pensava em ti; mas desde hoje, heide mudar... Talvez em breve alguém te diga que entrei para o logar de caixeiro d'uma loja de modas; depois, que principiei a traficar; e podes então dizer com certeza: «quando fór barão hade vir pedir-me.» — Adeus. Continua.

ALFREDO HOGAN.

### Um adeus á minha terra.

NO ALBUM DO SENHOR JOÃO MONTENEGRO

(Allusão)

Por occasião da sua saída para o Rio de Janeiro.

Adieu.... mes vœux vous accompagneront toujours; conservez mon souvenir...

NAPOLÉON.

Adeus, minha patria amada...  
Tão pesada...  
Outra vez te vou perder;  
Eu vivia aqui 'squecido,  
Imbuído  
Nos effluvios do prazer.

Cerca a mim eu vejo objectos  
Predilectos,  
Quaes com elles me creci,  
Que me avivam na memoria  
Grata historia  
Da infancia que eu passei.

N'estes plainos verdejantes  
Tão brilhantes,  
Com que afan vinha brincar!  
E depois já fatigado  
No relvado  
Ia os membros reclinar.

Vejo aqui os meus pomares  
Regulares,  
Que me davam fructos mil;  
Vejo além rosaes immensos,  
Lindos, densos,  
Que florescem em Abril.

N'este bosque tão saudoso  
Tão frondoso  
Vinha ouvir o rouxinol;  
Ia o dia declinando  
E soltando  
Plumbeo veo do arrebol.

E se a lua então surgia?...  
Que magia  
Me inundava o coração!...  
Eu ainda não amavá  
Mas scismava  
Como encanta o seu clarão.

N'esta fonte rude, e bella  
Por singela  
Muitas horas eu passei;  
Da sua agua, que é tão pura,  
Co'a frescura  
Sêde e calmas abrandei.

Eu, no plinho das montanhas,  
D'altas penhas  
Tambem ia passear;  
Ia ás ruinas do castello  
Só por vê-lo  
Sem a historia lhe explorar!

Era infante, não julgava,  
Não pensava  
Ser outr'ora um Paço ali;  
Nem sabia que a grandeza,  
Que a riqueza  
Tinha um dia a sorte assi.

Não sabia que um rei moiro  
Filha e oiro  
Veiu ali enthesourar;  
Nem sabia que Violante,  
Seu amante  
Fóra ali atraígoar!

N'outra serra eu via erguida  
Santa ermida  
P'ra honrar a Mãe de Deus;  
Eu lá ia e me prostrava  
E rezava  
Elevando a mente aos ceos.

Quanto eu amo, nos meus lares,  
Os logares  
Que me dão recordações!...  
Foi-me aqui a infancia um sonho  
Mui risonho  
D'amorosas affeições.

Foi aqui que um pae amigo  
Doce abrigo  
N'este mundo me escolheu;  
Foi aqui que a mãe bondosa  
Carinhosa  
Mil blandicias me rendeu.

Foi aqui que os irmãos qu'ridos  
Bem unidos  
Nós juramos de viver.  
Aqui foi que os meus parentes,  
Ascendentes,  
Se apraziam de me ver.

Foi aqui que os companheiros,  
E parceiros  
Dos meus brincoes, elegi;  
São amigos que não 'squecom,  
Que merecem  
Tanto amor que eu lhes rendi.

Todos, tudo o que eu amava  
E gozava,  
N'um momento vou deixar!...  
Vou em terra protectora,  
Mar em fora  
Tristes dias lá passar.

Ai! que magoas n'alma sinto  
Que d'absintho  
Do meu calix vou beber!!  
Dae-me força Deus pod'roso,  
Deus bondoso  
P'ra que eu possa a dôr vencer.

Adeus patria!... não me olvides,  
Não duvides  
Que eu te quero immenso bem,  
Meus amigos, a saudade  
A amizade  
Aceitae-m'as vós tambem.

Meus irmãos, sinto no peito  
Doce effeito...  
Eu jámais vos deixo, não!  
Onde eu fór heide levar-vos  
E gozar-vos  
Dentro em mim, no coração.

Loulã, 2 de Junho 1859.

P. M.

### Miscellanea.

Os seguintes são os titulos do imperador d'Austria — além d'este, rei da Hungria, da Bohemia, do Lombardo-Veneziano, da Dalmacia, Croacia, Sclavonia, Gallicia, Lodomeria, e Illyria; archiduque d'Austria; duque de Salzbouurg, Styria, Carusthia e Carniola; grã-principe da Transylvania; grã-waivode da Servia; margrave de Moravia; duque de Silezia, d'Auchwitz e Lator, de Teschen, Frioul, Ragusa e Jara; conde soberano de Rabsbourg, Tyrol, Kybourg, Garz e Gradeska; principe de Trento e de Brixen; margrave de Lusaca, senhor de Trieste, Cattaro, e das Wendes, etc. etc.

Em Lyon cunharam-se duas medalhas destinadas ao Piemonte. Uma tem no exergo a legenda *Napoleone III, imperatore dei francesi*. D'um lado representa a effigie de Napoleão III; e no reverso, estão as seguintes palavras, extrahidas da proclamação do imperador ao povo francez: — *L'Italia deve essere libera sino all'Adriatico*. 3 maggio 1859 — A outra representa a effigie de Victor Manuel, com o seguinte exergo: — *Vittorio Emanuele II, re italiano*; e no reverso: — *Ai difensori della indipendenza italiana, Cavour, Garibaldi*. — Ambas são de cobre.

Nos Estados Unidos ha quatrocentos livreiros editores, e tres mil filiaes que vendem as obras d'aquelles. Sete mil negociantes se empregam tambem no commercio de livros, além de sua industria especial. A livraria Harpers, em Nova York, occupa metade de um acre. O seu edificio custou quarenta mil dollars. Vende annualmente dois milhões de volumes, e occupa quasi seiscentos empregados! A livraria de Lippincott & Comp.<sup>a</sup>, em Philadelphia, vende por anno mais de cincoenta mil Biblias e livros religiosos!

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA--Travessa da Victoria, 52.